



4017 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

MASCULINIDADES JUVENIS E O COTIDIANO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA-BA
Neide Pinto dos Santos - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana
Mirela Figueiredo Iriart - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Ivan Faria - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

MASCULINIDADES JUVENIS E O CONTEXTO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA-BA

O presente estudo objetiva analisar os significados de masculinidades entre jovens homens e mulheres, em uma escola da rede pública de ensino em Feira de Santana- BA. Fomentar a discussão de gênero com os jovens, levando em consideração diferentes modelos de masculinidades é relevante no campo das práticas escolares, permeadas por diferentes posições identitárias e múltiplos discursos, produzindo fissuras entre os silenciamentos e as resistências que atravessam o cotidiano escolar.

Palavras-chave: Masculinidades, Juventudes, Educação

INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte do projeto de pesquisa de mestrado intitulado “Juventudes e masculinidades: (des) construções de relações de gênero em uma escola pública no município de Feira de Santana-Ba” e objetiva analisar os significados de masculinidades, entre jovens homens e mulheres. As discussões de gênero se colocam como um debate necessário nos dias atuais, já que retrocessos conservadores insistem em reforçar o seu silenciamento na sociedade e na educação, bem como por compreender que essas relações atravessam as diferentes experiências juvenis e se colocam presentes no cotidiano escolar.

Podemos afirmar que o estudo sobre masculinidade é um campo relativamente novo no Brasil e no mundo, principalmente quando comparado com os estudos sobre mulheres e feminilidade. A partir da revisão bibliográfica no banco de dados Scielo, constatamos que na Bahia há uma escassez de trabalhos com foco nas masculinidades juvenis, especialmente no contexto escolar.

Compreendemos gênero como categoria social e relacional, com destaque para o estudo das masculinidades, fundamentado-nos em estudos como os de Louro (2013); Scott (2012); Connell e Messerschmidt (2013). Ressaltamos ainda a posição de Bourdieu (2002) quanto à dominação masculina, que define relações desiguais de poder, a produção de comportamentos masculinos baseados na ideia da virilidade, força, coragem, e os seus efeitos nas vidas dos jovens homens.

Connell (1997) sinaliza quatro conjuntos de masculinidades: as que partem de atributos masculinos vistos como essenciais (definições essencialistas); as que se constituem a partir de descrição de traços/características mais notáveis nos homens (Positivista); as que definem a masculinidade a partir das exigências sociais (normativas) e as teorias que compreendem masculinidade como parte de um sistema simbólico e histórico (enfoque semiótico). Connell e Messerschmidt (2013) trazem em seu estudo a masculinidade hegemônica como um padrão de práticas, e não só identidade, que possibilitou a dominação masculina e avaliam que “a masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas”, quando adquire um sentido normativo. As masculinidades subordinadas coexistem fazendo uso de estratégias e tecendo novos modelos de masculinidades. A partir destas reflexões é relevante refletir sobre as interações entre masculinidades e culturas juvenis no cotidiano escolar e quais os modelos de masculinidades negociado entre os jovens.

Jovens, Masculinidades e o Cotidiano Escolar

O contexto da pesquisa é uma escola pública situada no centro do município de Feira de Santana- BA, que recebe um público jovem diverso advindo de diferentes bairros da cidade e que tem tido dificuldade de lidar com práticas discriminatórias contra estudantes homossexuais.

As estratégias que têm sido utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa com os jovens são a roda de conversa, observação do cotidiano escolar, registros através do Diário de Campo, a aplicação de questionário socioeconômico, grupo de discussão com os jovens e entrevista narrativa. Para o presente trabalho destaco algumas reflexões registradas nos diários de campo e alguns relatos dos jovens nos grupos de discussão.

As resistências e os silenciamentos

A apresentação do tema de pesquisa para os docentes da escola gerou duas rodas de conversa com os professores que não estavam previstas inicialmente. A partir destes primeiros momentos de interação, evidenciou-se que falar de gênero ainda requer oportunizar espaços/tempos para problematizar padrões de gênero estabelecidos e naturalizados, já que muitas vezes invisíveis e silenciados em uma dinâmica escolar repetitiva e automatizada. A resistência nos olhares, nas falas e expressões de alguns profissionais revelaram o quanto as relações com o tema estão atravessadas por processos formativos religiosos e familiares conservadores, que acabam levando à não

aceitação de novas formas de ser homem na sociedade contemporânea e à compreensão dessas identidades como desvios, quando uma professora desabafa que é necessário ajudar os jovens a “se encontrarem”, ou seja a não se desviarem das identidades de gênero normatizadas, ou ainda quando uma outra revela que “não falar sobre o assunto pode ser mais fácil”.

Pensar o cotidiano escolar - nas maneiras de fazer, ser e se apropriar, inspiradas por Certeau - faz-se necessário dada a importância da escola enquanto lugar de produção de conhecimento e de construção de práticas sociais. Constitui um desafio captar vivências cotidianas que nem sempre são notadas ou discutidas. Para Louro (2014), “o olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios”. (LOURO, 2014, p.63). É importante exercitar a reflexividade sobre o que é praticado no cotidiano escolar e estabelecer diálogos entre o que é dito e o que não é dito, na pretensão de conhecer como os sujeitos se constituem e se individualizam na relação com o outro, com a instituição e com a cultura, na reconstrução do próprio cotidiano escolar, por meio das suas brechas e fissuras.

Pesquisar masculinidades com jovens

Os sujeitos da pesquisa são 13 jovens homens e mulheres, estudantes do ensino médio, com faixa etária de 15 a 22 anos. Com relação aos jovens enquanto sujeitos de pesquisa, Joca (2016), sinaliza que o “diverso” das práticas, experiências, identidades e identificações juvenis nos estudos da juventude exige dos pesquisadores(as) “habilidades e sensibilidades que proporcionem tanto a inserção nesses espaços da vida juvenil, quanto no universo das situações vividas”[...] (p. 304).

Destaco neste trabalho dois grupos de discussão realizados com os jovens: o primeiro com o tema ‘O homem e a relação com seu próprio corpo nos dias atuais’ e o segundo ‘o homem e a relação com a mulher’. No primeiro encontro os jovens fizeram cartazes divididos em subgrupo sobre as vivências das masculinidades nos dias atuais em relação ao corpo. Foram elaborados 4 cartazes, que trouxeram representações sobre os comportamentos e gostos masculinos. Os gostos masculinos apontados pelos jovens foram resumidos assim: corpo feminino de acordo com padrão de beleza da mulher branca, intitulado como *mulher gostosa*; bom emprego; carro e celular da moda; *casa do ano*. As características masculinas tidas como positivas que prevaleceram nos cartazes foram: *homem de família*; *homem trabalhador*; homem que assume a paternidade; *homens de valor*. Apenas um cartaz apontou para as diversidades das vivências das masculinidades. Este trouxe como título: *macho?* Com imagens de pessoas com máscaras eles problematizaram a existência de várias formas de ser homem e ao mesmo tempo “os *homens que se escondem*”, por medo de sofrerem preconceitos.

Quando questionados sobre a relação do homem com o seu próprio corpo, uma das meninas pontuou que os homens atualmente gostavam de ir ao salão de beleza, que cuidam mais do corpo, se depilam e finalizou dizendo que “*não existe mais homem (risos)... os homens são todos gays*”, trazendo a ideia de que ser gay está em oposição ao padrão masculino viril. Um jovem contrapondo-se à fala anterior afirmou que: “*o homem cuidar do corpo não significa ser gay*”, sinalizando para novos comportamentos masculinos. Outro jovem, ao ser questionado sobre o que achava sobre os cuidados que homens nos dias atuais tem com o corpo relatou que faz depilação das pernas e que antigamente não poderia fazer, mas ressaltou: “*sou macho!*”. É importante refletir que “a existência de um homem afeminado fornece o exemplo do que não se deve fazer, do que não se deve ser, daquela fronteira da qual devemos nos afastar”. (SEFFNER, 2016, p.179). Após as apresentações falamos um pouco mais sobre as novas vivências do homem em relação ao seu próprio corpo e os/as jovens citaram algumas mudanças em relação a esta questão: o uso de calças apertadas; a depilação de pernas e sobancelhas; o cuidado com cabelo; o cuidado com corpo sarado e com a musculação; o uso de cremes hidratantes e produtos de beleza.

O segundo encontro teve como disparador da discussão o curta-metragem *Minha vida de João* sob a direção de Gary Barker, lançado em 2001. O vídeo é um desenho animado que narra a trajetória e os desafios de um jovem em relação a sua educação no contexto familiar e seu processo de crescimento para tornar-se homem na sociedade. Após a exibição do vídeo, os 13 jovens que compuseram o grupo foram convidados a expressarem suas opiniões sobre os aspectos que consideraram mais importantes, como mostra o debate a seguir:

A questão (...) a sociedade pensar que o homem não tem que ser a mesma coisa que a mulher. Homem tem que ser diferente. Eu por exemplo não tenho sexo definido. (jovem 1 do sexo feminino)

Eu me sinto atraída para ficar com algumas mulheres, mas tenho medo de me envolver com mulher e virar lésbica. Ai eu me envolvo logo com homem. Eu nasci criada na doutrina evangélica. Eu não tenho nada contra. Mas na minha opinião eu não acho certo, porque Deus fez o homem e fez a mulher (jovem 2 do sexo feminino)

Muita gente fala que é pecado. Não é pecado. É como Deus disse é para amar o próximo como a si mesmo. Eu sou uma pessoa bissexual. Antigamente eu sofria muito preconceito. Teve uma vez que eu tinha terminado com um menino há muito tempo atrás. Ai me perguntaram: tu terminou com ele porque tu é sapatona? A minha única reação foi sair daquele meio ali e ir para minha casa me isolar. Fiquei o dia todo sem sair de casa. Não sentia fome, não sentia nada, só desprezo. Eu acabei me sentindo um lixo (...) (jovem1 do sexo feminino)

O meu pai é macho alfa. Ele mora na minha casa, mas eu não falo com ele. Eu tenho mais contato com minha mãe e com minha avó. Com meu pai não. E eu sempre gostei de brincar de boneca. De cozinhar, fazia cada bolo com terra quando criança. Gostava de jogar toalha na cabeça.(risos). (Jovem 1 do sexo masculino)

A sociedade quer que a mulher seja mulher e o homem seja homem. O homem não pode brincar de boneca porque é coisa de mulher. (jovem 2 do sexo masculino)

Os pais preferem dar um arma para a criança. Te ensina uma educação contrária do que vida te propôs. Eu tenho um amigo. Só que ele é gay. E quando ele era criança ele tinha esses ‘espalhafato’ de jogar toalha na cabeça, dançar calypson...essas coisas, e um dia o pai dele pegou ele com isso e disse que pra ele parar, porque se fosse continuar ele preferia matar o próprio filho ou morrer do que viver pra ter um filho gay e hoje ele é gay e o pai morreu (jovem3 do sexo masculino).

Vimos, a partir de alguns depoimentos, que o contexto discursivo da escola, composto pela multiplicidade de vozes que atravessam o seu cotidiano, é contraditório e pouco permeável às considerações sobre a diversidade de gênero e sexuais, que marcam as vivências juvenis na contemporaneidade. Apesar das fronteiras erigidas pela família, escola e religião, Joca (2016), nos sinaliza que, "isso não quer dizer que tais fronteiras não se deparem com sujeitos dispostos a desafiá-las cotidianamente por meio da subjetividade empreendidas nos modos de vida e na sexualidade e das experimentações juvenis". (p.193).

Se por um lado o silenciamento acaba por provocar sofrimentos desnecessários a estes jovens que precisam por conta própria e, muitas vezes, sem nenhum suporte, vencer o preconceito e a rejeição, geradores de violências, por outro, seus discursos emergiram nas fissuras do cotidiano escolar, quando puderam se expressar nos grupos de discussão, elaborando discursivamente as posições identitárias, circunscritas pelos discursos sociais (da família, da igreja e da sociedade).

CONCLUSÃO

O exercício de desnaturalização de modos hegemônicos de pensar relações de gênero implica compreender como se constroem essas formas de ser masculino, ou seja, como processos de socialização familiar, escolar, religiosa participam dessas construções. E, nesse sentido, a escola é um dos principais agentes na (des)construção de preconceitos e tabus, erigindo fronteiras ou potencializando rupturas no projeto socializador das juventudes.

No cotidiano da escola ainda se evidencia limites/tabus para trabalhar com as temáticas relacionadas às questões de gênero, masculinidades, racismo e sexualidade. As relações de gênero tendem a ser naturalizadas e pensadas a partir do viés biológico e as diferenças, silenciadas. No entanto, a escola é permeada por trajetórias e experiências diversas e por diferentes posições identitárias o que propicia um espaço potencial de trocas e de aprendizagens, e de diálogos críticos e reflexivos acerca das relações de gênero e sobre a produção das masculinidades.

A partir do que temos destacado nesse trabalho, da atual conjuntura de resistências contra o debate sobre questões de gênero, que demarcam relações de poder, e da observação de que os estudos relacionados à relação juventudes-gênero serem ainda recentes, e em sua maioria relacionados à mulher, é que pretendemos ampliar o debate sobre as formas cotidianas de produção das masculinidades no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro, 2 ed. Editora Bertrand Brasil, 2002.

CONNELL, R. W. e MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade Hegemonica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis v.21, n (1): 424, jan/abr/, 2013 .

CERTEAU, M.: **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Editora Vozes, Petrópolis, 1998.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira Educacional**. n.24, p. 40-52, 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

JOCA, A. M. **Levados por Anjos: modos de vida, educação e sexualidades juvenis**. 2 ed. Curitiba, 2016.

LOPES, A. P. N. O uso da pesquisa qualitativa na escola: da técnica à criatividade. In: DAMASCENO, M. N.; SALES, C. M. V. e OLIVEIRA, N. R.(Orgs). **Pesquisa Qualitativa: formação e experiências**, Curitiba, 2016, p. 149-164.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2013.

SEFFNER, F. **Derivas da Masculinidade: Representação, Identidade e Diferença no âmbito da masculinidade Bissexual**. Jundiaí, Paco Editorial, 2016.